

Educação Física Escolar: analisando o discurso e a ação docente

Flávia Fiorante

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da UNESP - FCLAR
e-mail: flafiorante@uol.com.br

Regina Simões

Doutora do curso de Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro
e-mail: rrsimoes@ufpa.br

Luci Regina Muzzeti

Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da UNESP - FCLAR
e-mail: lucirm@fclar.unesp.br

Cassiano Ferreira Inforsato

Mestre em Educação Física pela UNIMEP
e-mail: cassianoferin@hotmail.com

Edson do Carmo Inforsato

Doutor do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da UNESP - FCLAR
e-mail: edsonci@uol.com.br

Resumo: Frente ao modelo mecanicista que imperou do final do século XIX até final dos anos 70 do século XX, surgem, na década de 80, novos movimentos para a Educação Física Escolar. Estes tiveram como meta tentar romper com o eixo militarista e esportivista que vigorava até então. Diante desse pressuposto, assinala-se um período histórico marcado por significativas transformações na Educação Física Brasileira, em especial na escola, as quais estão relacionadas com o aparecimento de novas propostas para a Educação Física Escolar. São elas: a desenvolvimentista, a construtivista e a crítico-superadora. Diante dessas considerações, objetiva-se, neste trabalho, analisar se estas tendências refletiram ou não na prática pedagógica de um grupo de professores de Educação Física da 1ª à 4ª série das escolas estaduais da cidade de Serra Negra-SP.

Palavras chaves: 1. Escola. 2. Tendências. 3. Ensino de Educação Física. 4. Prática pedagógica

Abstract: Facing the mechanical model that dominated the schools from the end of the 19th century to the 1970s, new movements for the Physical Education emerged during the 1980s. These movements aimed at breaking up with the military concept of sport that reigned so far. This way we assign a historical period marked by significant transformations in Brazilian Physical Education, especially in school, and they are related to the raise of new school proposals, such as: the developmentist, the constructivist and the critical-overcomer. All this considered, the present paper aims at analyzing if these tendencies really influenced the pedagogical practice of a group of Physical Education teachers in public schools of Serra Negra, SP.

Keywords: 1. School. 2. Tendencies. 3. Physical education teaching. 4. Pedagogical practice.

Introdução

Notamos, no desenvolvimento da Educação Física Brasileira, vários estudos empenhados na discussão de temáticas que vão desde a (re)definição do papel da Educação Física na sociedade brasileira, em especial na escola, até questões ligadas às mudanças, provavelmente essenciais, na prática pedagógica dos professores desta área, com o objetivo de melhor atender as necessidades e os anseios daqueles que efetivamente participam do contexto escolar: os alunos.

As prováveis mudanças estão intimamente ligadas com as significativas transformações que ocorreram na Educação Física Brasileira na década de 80, relacionadas com o surgimento de uma vasta produção literária na área e também com o aparecimento de novas tendências para a Educação Física Escolar, as quais emergiram com a finalidade de romper e superar paradigmas que, até então, quase exclusivamente se estruturavam na perspectiva militarista e esportivista da Educação Física.

Passados alguns anos, alguns professores de Educação Física Escolar ainda acreditam que o trabalho pedagógico está vinculado ao adestramento físico, ao gesto perfeito, ao rendimento esportivo, tendo, na maioria das vezes, o conteúdo esporte como tema central das aulas (RESENDE, 1995). Desta forma, ficam evidentes o peso e as marcas deixadas pela herança militarista e esportivista.

Sobre a mesma temática, Darido (1999, p. 13) afirma que

os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo deste último século, e todas estas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física.

Considerando os pressupostos citados, e sendo as tendências pedagógicas uma nova opção dentro do meio escolar, o presente estudo tem como objetivo, por meio de uma entrevista semi-estruturada aplicada junto aos professores de Educação Física da 1ª à 4ª série da cidade de Serra Negra-SP, identificar se o processo de mudanças e o surgimento de novas tendências pedagógicas para a escola refletiram de maneira significativa na prática pedagógica dos professores elencados para esse estudo.

Novos rumos para a Educação Física Escolar

Assinala-se na década de 80 um período histórico marcado por significativas transformações na Educação Física Brasileira, relacionadas com o surgimento de uma vasta produção literária na área e também com o aparecimento de novas tendências para a Educação Física Escolar. Estas possuem referenciais teóricos diferentes, princípios elaborados e fundamentados, como também preocupações com as características do público a que se destinam, tendo cada uma seus idealizadores e adeptos.

As novas tendências que apareceram neste período se devem, em parte, ao número considerável de cursos de pós-graduação em nível nacional, ao aumento de publicações na área, e à realização de congressos, simpósios e seminários.

Tais tendências surgiram com a finalidade de romper e superar paradigmas que, até então, quase exclusivamente se estruturavam na perspectiva biológica e mecanicista da aptidão física, tendo respaldo dos médicos higienistas e dos militares, os quais defendiam a tese de que a Educação Física era uma prática eminentemente técnica, objetivando o adestramento físico, a disciplina, a obediência e o rendimento dos corpos envolvidos. Após essa influência higienista e militarista, é válido ressaltar que o paradigma vigente estava relacionado ao esporte, sendo a técnica esportiva a base das aulas

do professor de Educação Física. Diante dessas colocações, consideramos que a superação de paradigmas e as propostas de mudanças refletem a necessidade de um processo cujas funções e princípios são provavelmente novos.

Neste sentido, vale um comentário adicional: aqueles que mantêm uma mesma atitude frente a novas propostas, insistindo em aplicar na sua prática pedagógica modelos antigos, caminham na contramão da história. Assim, acreditamos que quebrar paradigmas, transcendê-los, não é uma questão de opção e, sim, de necessidade.

As tendências mais significativas e mais importantes dentro do universo acadêmico, em especial no estado de São Paulo, e que surgiram com o propósito anterior, ou seja, com o objetivo de romper paradigmas e (re)desenhar um novo papel para a Educação Física no interior da escola, foram: a *desenvolvimentista*, a *construtivista* e a *crítico-superadora*.

A tendência desenvolvimentista que tem como maior propagador o professor Go Tani, atualmente docente da Universidade de São Paulo, é dirigida especificamente para o corpo-criança (4 a 14 anos), buscando apresentar como aspectos fundamentais para elaboração de programas de Educação Física conhecimentos sobre o crescimento e desenvolvimento do ser humano, abordando aspectos do desenvolvimento motor, aprendizagem de habilidades motoras básicas e específicas, e também dos padrões fundamentais de movimento, os quais são de extrema importância para o domínio das habilidade motoras.

Os conteúdos desenvolvidos por esta tendência devem ser estimulados a partir dos padrões de movimentos, ou seja, das habilidades motoras básicas e específicas, além do jogo, esporte, dança, luta e ginástica. Assim, devem ser propagados, seguindo uma ordem de aquisição das habilidades básicas, ou seja, das mais simples para as habilidades mais específicas, consideradas complexas, as quais dão subsídios para a prática dos conteúdos que permeiam a área.

Na leitura desta proposta, fica evidenciado que o domínio dos conteúdos, bem como das habilidades básicas e específicas, propiciam subsídios para o ato de avaliar o corpo/aluno. Segundo Darido (1999), os desenvolvimentistas, ao tratar do assunto avaliação, sugerem que os professores observem sistematicamente o comportamento do corpo/aluno, verificando em que fase de desenvolvimento ele se encontra, localizando os erros e, por meio de informações adequadas, proporcionar situações para que estes erros sejam superados. Para identificar tais incorreções, faz-se necessário conhecer as etapas de aquisição das habilidades motoras básicas, as quais estão intimamente ligadas à faixa etária em que o aluno se encontra.

A aula, com característica desenvolvimentista, tem a proposta pedagógica baseada no desenvolvimento e aprimoramento das habilidades básicas e específicas, ou seja, por meio dos conteúdos da Educação Física (jogos, esporte, dança, recreação, lutas) e dos padrões motores, o profissional da área, adepto de tal tendência, proporciona atividades que favorecem os requisitos citados, sempre com o intuito de avaliar se o aluno está ou não condizente com a fase de desenvolvimento motor compatível com a sua idade.

Em suma, a proposta desenvolvimentista deixa transparecer uma evidência quanto ao aspecto biológico do movimento, embasada de certa forma no modelo tecnicista, privilegiando o movimento perfeito, o gesto mecânico, fazendo com que o corpo/aluno siga modelos preestabelecidos.

Esse pressuposto, segundo Oliveira (1994, p. 163), “[...] permite especular sobre a possibilidade de qualquer criança dever adaptar-se aos padrões motores [...]. Nesse contexto, o que se considera é a criança, e não esta criança”.

Desta maneira, salientamos a importância de se considerar e respeitar as diferenças existentes em cada corpo/aluno envolvido no universo escolar. Neste sentido concordamos com Daolio (1994, p. 100), quando diz: “[...] a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente”.

Enfim, acreditamos ser de suma importância para as aulas de Educação Física considerar o corpo/aluno como um ser pensante, dotado de sentimentos, desejos, que

se expressa diferentemente outros, que vive e convive em ambientes socioculturais diferentes e que, por tal, não deve ser homogeneizado e confrontado por meio de estratégias como comparação de desempenho, padronização do gesto mecânico, da técnica do movimento e da faixa etária.

Já a tendência construtivista tem como precursor o professor João Batista Freire, o qual se fundamenta em Piaget, enfatizando em suas obras, o corpo que cria, modifica e incorpora novos movimentos. Os construtivistas consideram não só o sujeito, mas também o mundo que o cerca, devendo entendê-lo com um ser que vive em sociedade num determinado mundo. Esta ação de edificação de novos movimentos está intimamente relacionada com a construção da sua realidade.

Contemplando o citado anteriormente, Freire (1994, p. 30) nos alerta que: “[...] se olharmos a nossa volta, veremos que as pessoas cada vez se parecem mais com o mundo e que o mundo se parece cada vez mais com as pessoas. Ou seja, não apenas sofremos, mas também provocamos transformações no meio ambiente”.

O recurso do corpo/aluno para transformar e agir sobre o meio ambiente são as sensações e os movimentos corporais, os quais podem ser representados pelos jogos, incluindo rodas cantadas, brincadeiras de rua, jogos com regras e outras tantas atividades que compõem o universo cultural dos alunos. São essas atividades que fazem parte dos conteúdos desenvolvidos pelos adeptos do construtivismo, além do restante dos conteúdos da Educação Física, ou seja, o esporte, a dança e a luta.

No entanto, há um destaque em relação ao jogo, sendo este considerado um dos principais modos de ensinar, como também um instrumento pedagógico. O corpo/criança enquanto joga aprende, e este aprender deve acontecer num ambiente onde vigore a ludicidade e o prazer.

A transmissão do conhecimento destes conteúdos deve processar-se em condições que possibilitem o corpo/criança a agir com liberdade, espontaneidade, mas tendo como foco que a criança é um ser construtor, ou seja, segundo Piaget (1979) a criança é o agente do seu próprio desenvolvimento, é o formador do seu conhecimento num processo de ação sobre o seu mundo, podendo analisá-lo, refleti-lo e interpretá-lo dentro de suas capacidades num contínuo aperfeiçoamento do desenvolvimento de suas estruturas mentais.

O professor que atua seguindo os pressupostos desta tendência deve estar atento para que os conteúdos trabalhados propiciem ao corpo/aluno condições de superação da consciência ingênua, passando para a consciência crítica, e para que a aprendizagem tenha como ponto de partida o conhecimento que o corpo/aluno já possui e a partir deste, oportunizar vivências significativas para que novos e mais conhecimentos aconteçam, tendo como pano de fundo a criatividade, as construções e as vontades de cada um dos corpos envolvidos.

Dentro deste prisma, ocorre o processo de avaliação, segundo os adeptos do construtivismo, o qual deve levar em conta as realizações individuais de cada corpo/aluno, observando-o e analisando-o, no sentido de perceber, estimular, e oferecer condições para que ele possa estabelecer o processo de construção frente ao conhecimento, à adaptação ao contexto e à sua cultura (ANGOTTI, 1994).

Em suma, no construtivismo, as atividades propostas pelo professor devem proporcionar condições para que os corpos/alunos construam seus saberes, seus conhecimentos por meio do exame crítico daqueles que já possuem, agindo assim ativamente sobre o meio.

Freire (1994), a nosso ver, evidencia seu desejo e sua luta de que a Educação Física deixe de ser vista como um meio de adestrar e manipular corpos para se transformar em uma educação de corpo inteiro, na qual o ser sensível e inteligível, que executa movimentos através de seu corpo, faça-o com intenções, sentimentos, desejos e não sejam puramente como corpos domesticáveis, que possuem seus movimentos castrados e padronizados.

Soares et al. (1992) é a obra marcante dos adeptos da tendência crítico-superadora. O conteúdo do livro *Metodologia do ensino da Educação física* ressalta que a tendência crítico-superadora foi criada para suprir as explicações sobre a prática

social que não convencia e não atendia mais aos interesses de uma classe denominada crítico-superadora, tendo como ponto de partida o discurso da justiça social baseada no marxismo e no neomarxismo.

Objetivou-se, com a publicação desta obra, facilitar a reflexão da prática pedagógica dos professores, sobretudo os de Educação Física, os quais, no âmbito escolar (temática da nossa discussão), têm como objeto de estudo a aptidão física do corpo/aluno.

Os críticos superadores propõem que por meio da prática pedagógica da Educação Física, os professores passem a ensinar e propiciar o desenvolvimento da noção de historicidade dos conteúdos da área, ou seja, permitir ao corpo/aluno refletir e compreender-se enquanto sujeito histórico, sendo capaz de opinar, interferir na sua vida privada, bem como na sua atividade social e na sociedade em que está inserido.

Os conteúdos da área são formados pelos jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas, as quais configuram uma área de conhecimento chamada de cultura corporal. É válido salientar que, independentemente do conteúdo a ser trabalhado, é necessário que a escola forme cidadãos críticos e conscientes da realidade social em que vivem, para assim poder intervir na direção de seus interesses de classe.

Dentro desta tendência é necessário que o corpo/aluno entenda que os conteúdos da Educação Física (jogos, dança, luta, ginástica e esporte), assim como as atividades corporais que os compõem (pular, saltar, jogar, arremessar), foram construídos em determinadas épocas históricas, como resposta a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas.

Diante dos pressupostos citados, uma aula baseada nesta tendência deve considerar a historicidade dos conteúdos propostos, o ambiente social do corpo/aluno, propiciando a compreensão da realidade social, superando o senso comum e, por meio do conhecimento específico da cultura corporal, possibilitando a descoberta dos diversos aspectos práticos e teóricos da área e sua importância na sociedade como um todo, bem como, oportunizando momentos em que este corpo possa participar ativamente das aulas, sugerindo, questionando, criticando, criando e refletindo.

Outro dado que faz parte desta proposta é a questão da avaliação, a qual deve levar em conta a sociedade em que o aluno está inserido, bem como “[...] a observação, análise e conceituação de elementos que compõem a totalidade da conduta humana e que se expressam no desenvolvimento das atividades” (SOARES et al., 1992, p. 104).

O processo de avaliação deve acontecer em conjunto, cabendo ao corpo/aluno a possibilidade de manifestar seus objetivos de ação e participar da avaliação coletiva dos mesmos. Durante o processo de avaliação devemos criar situações nas quais as normas e regras impostas pelo professor, sejam criticadas, reinterpretadas e redefinidas pelos corpos/alunos.

O ato de atribuir uma nota deve acontecer, porém não com o intuito de castigo, punição e julgamento do aprimoramento e desenvolvimento das técnicas e dos movimentos, mas sim levando em conta que o erro compõe o processo de ensino-aprendizagem e que a partir dele podemos construir e dominar novos conhecimentos, habilidades e atitudes.

Por fim, percebemos que os pressupostos das tendências estudadas até então se diferem no que se refere à visão do corpo/aluno, bem como o enfoque dado a este no âmbito escolar. Cada uma com seus seguidores, com suas estratégias de aula e de avaliação, defendendo os princípios nos quais realmente acredita.

Conhecendo o universo

Para identificar se os professores de 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental se apoiam em alguma das tendências citadas neste artigo para estruturar e desenvolver sua prática pedagógica, optamos pelo desenvolvimento de uma abordagem qualitativa, tendo como recurso metodológico a pesquisa descritiva, a partir de uma entrevista semi-estruturada. Justifica-se esta escolha, pois, neste tipo de entrevista, o pesquisador

utiliza um roteiro de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite ao entrevistado expressar-se livremente, não havendo imposição de uma ordem rígida das questões. Na medida em que houver um clima de interação, de estímulo e de aceitação mútua, as informações acontecerão de maneira natural. Este tipo de “[...] entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34).

Para delimitarmos nosso universo, inicialmente fizemos o levantamento das escolas estaduais e particulares, bem como do número de professores atuantes em cada uma delas. Vale destacar que na cidade de Serra Negra-SP, não há escolas municipais para estas séries.

Desta forma, ao visitarmos a Secretaria da Educação da cidade, encontramos nove escolas que possuem classes de 1^a à 4^a série do Ensino Fundamental, sendo sete estaduais e duas particulares, perfazendo um total de nove escolas e nove professores. Perante este número de escolas e professores, foram estabelecidos critérios para a realização da pesquisa, com a finalidade de delimitar melhor o universo de estudo:

1. Escolas cuja direção permita efetuar a pesquisa.
2. Escolas em que o professor de Educação Física concorde em participar da pesquisa.
3. Escolas em que o mesmo professor atue da 1^a à 4^a série.
4. Escolas em que o horário das aulas do professor seja compatível com a disponibilidade de horário da pesquisadora.

Frente aos critérios estabelecidos, o universo ficou reduzido a quatro professores, atuantes em quatro escolas estaduais. A partir do universo definido, partimos para a entrevista; todas foram feitas na própria escola e integralmente gravadas, variando de cinco a vinte e cinco minutos a exposição de cada docente, sendo que alguns professores detalharam as respostas, enquanto outros responderam às questões de maneira bastante direta e sucinta.

Resultado das entrevistas

Procuramos apresentar nessa etapa do nosso estudo, os resultados obtidos com a entrevista, estabelecendo também o perfil dos entrevistados. Para apresentar os dados criamos, para cada pergunta, uma categoria:

Pergunta 1 – O que você espera que os alunos aprendam durante as aulas de Educação Física? Categoria criada: *Perspectivas de Aprendizagem*.

Pergunta 2 – Quais os conteúdos trabalhados durante as aulas? Categoria criada: *Conteúdos da Educação Física trabalhados em aula*.

Pergunta 3 – Durante as aulas, como é a participação dos alunos? Categoria criada: *Participação dos alunos em aula*.

Pergunta 4 – Durante as aulas, você corrige os movimentos feitos pelos alunos? Categoria criada: *Correção dos exercícios propostos*.

Pergunta 5 – Você utiliza algum tipo de avaliação durante as aulas? Categoria criada: *Formas de avaliação*.

Pergunta 6 – Qual a sua relação com seus alunos? Categoria criada: *Relação do professor com o aluno*.

Pergunta 7 – Você utiliza algum conhecimento teórico durante as aulas? Categoria criada: *Conteúdos teóricos trabalhados durante as aulas*.

Pergunta 8 – Qual a última leitura feita por você referente à disciplina Educação Física? Categoria criada: *Últimas leituras feitas relacionadas à Educação Física*.

Formação e atualização profissional

Com base na ficha cadastral verificamos que 50% dos professores pesquisados são mulheres e 50% são homens, com idade entre vinte e cinco e quarenta e quatro anos.

Os professores graduaram-se entre os anos de 1982 e 2002. Todos têm formação superior em Educação Física: o Professor 1, formado há um ano em uma universidade estadual, tem curso de aperfeiçoamento em Biomecânica do Movimento, atuando há menos de um ano na rede escolar; o Professor 2, formado há dois anos em uma faculdade particular, não possui curso de pós-graduação e atua há quatro anos na rede escolar; o Professor 3, formado há vinte e um anos em uma faculdade particular, não possui curso de pós-graduação e atua há quinze anos na rede escolar; e o Professor 4, formado há dezessete anos em uma faculdade particular, possui especialização (*lato sensu*) em Atividade Física e Qualidade de Vida e atua há três meses na rede escolar.

A carga horária dos professores nas respectivas escolas varia de 8 h/aula a 24 h/aula: o Professor 1 ministra 12 h/aula numa só escola e não tem outro vínculo empregatício; o Professor 2 tem 24 h/aula, sendo 16 aulas da 1ª a 4ª séries na escola pesquisada, as outras 8h da 5ª à 6ª série na mesma escola, e atua também em outra escola estadual; o Professor 3 tem 16 h/aulas na escola pesquisada e também atua em outra estadual; o Professor 4 tem 8h/aulas na escola pesquisada e atua também em uma cidade vizinha em uma escola municipal.

Apenas um dos professores justificou o interesse em estar participando da pesquisa salientando que:

“Todo professor de Educação Física deve estar presente nas solicitações de pesquisas relacionadas à área de sua atuação ou de seu campo de trabalho. Com isso estaremos colaborando com o profissional idealizador desta pesquisa para que o mesmo alcance seu objetivo desejado” (Professor 2).

Em relação às oito categorias estruturadas nas perguntas temos:

Perspectivas de Aprendizagem

Sobre o que eles esperam que os alunos aprendam durante as aulas de Educação Física, o Professor 1 respondeu:

“Eu espero que eles aprendam movimentos relacionados com a cultura corporal de movimento e também desenvolvam as habilidades motoras básicas. [...]”

Já o Professor 2 salientou que é necessário, nesse período, explorar atividades que deem suporte para a aprendizagem do desporto na 5ª série.

“Então o que estava faltando era isso, voltar às aulas de 1ª a 4ª séries para quando chegar na 5ª série, os alunos estarem preparados para aprender os desportos, então é preciso que eles aprendam atividades que preparem para a 5ª série”

O Professor 3 informou:

“Eu espero que eles aprendam o movimento proposto, que eles se expressem através do movimento.”

Ao ser questionado, o Professor 4 disse:

“Eu espero que eles aprendam um pouco de noção de organização, disciplina e a parte corporal que eles melhorem, que eles tenham um bom vocabulário motor e com o tempo enriqueçam esse vocabulário”.

Conteúdos da Educação Física trabalhados em aula

Nesta questão, o Professor 1 procurou explicar detalhadamente a forma com que ele trabalha os conteúdos propostos:

“Utilizo também conteúdos teóricos mas com uma linguagem acessível a eles, eu tenho me preocupado em passar fundamentos básicos de fisiologia, como a respiração acontece durante o exercício, a própria frequência cardíaca, como faz para pegar a F.C. Eu passo esses conteúdos não só na sala de aula, mas também fora, pois na sala de aula é muito complicado, porque você tem que chamar a atenção e nessa fase é complicado porque eles são muito ativos. Eu passo também alguma coisa sobre capoeira, ginástica, alongamento, exercícios de aquecimento”.

Os Professores 2 e 3 concordam nas opiniões e ambos citaram a recreação e os jogos pré-desportivos.

Já o Professor 4, além da recreação, citou também os jogos cooperativos.

Participação dos alunos em aula

Todos afirmaram que os alunos participam das atividades propostas. Os Professores 1 e 3 afirmaram que é um pouco mais difícil obter a participação de todos os alunos da 3ª e 4ª séries, e que algumas vezes eles sentem dificuldades em estimulá-los a participar das aulas. O Professor 1 salientou que:

“O pior é na 4ª série que eles são um pouco mais livres, eles vieram de uma cultura de professores antigos que não eram especialistas, então eles deixavam os alunos um pouco mais livres, quem quisesse não fazia nada. Mas a maior parte dos alunos participa”.

Correção dos exercícios propostos

Quando questionado sobre se existe a correção dos exercícios propostos em aula, o Professor 1 ressaltou:

“Eu não me preocupo tanto com a correção dos movimentos específicos, porque eu acho que essa não é uma fase de aperfeiçoamento das habilidades motoras [...]”.

Os Professores 2 e 4 alegaram que corrigem só quando estão comandando o alongamento no início ou no final da aula. O Professor 4 completou dizendo:

“Quando eu corrijo, eu procuro corrigir a classe toda e não tão individualmente a não ser que seja um caso muito extremo”.

O Professor 3 diretamente respondeu:

“Corrijo, mas sem exigir a imitação, sem o movimento ser padronizado”.

Formas de avaliação

Questionado sobre a questão da avaliação em Educação Física, o Professor 1 citou que a avaliação em suas aulas parte do princípio da avaliação direta, da observação dos alunos em aula, do interesse e da frequência.

"[...] apesar de serem bem subjetivos esses critérios, eu não vejo outra solução para uma avaliação na área de Educação Física da 1ª a 4ª séries" (Professor 1).

Já os Professores 2 e 3 citaram a participação como uma forma de avaliar. O Professor 2 completou dizendo:

"[...] eu vejo aqueles mais espertos eu avalio dando um ponto, uma pontuação, no caso do aluno mais ativo, mais esperto na aula que procura participar, então isso é uma avaliação".

O Professor 4 afirmou que:

"[...] às vezes eu peço alguma coisa escrita. É uma exigência deles, do estado, de se ter um registro do andamento das aulas".

O mesmo Professor completou explicando que nos cursos de capacitação para professores de Educação Física da 1ª à 4ª série, o professor que ministra as aulas nesse curso sugere que os professores utilizem, como estratégias de aulas, trabalhos escritos para serem encaminhados para o estado como registro do andamento das aulas.

Relação do professor com os alunos

Todos afirmaram que a relação com os alunos é a melhor possível, salientando o prazer dos alunos em participar das aulas de Educação Física.

Conteúdos teóricos trabalhados durante as aulas

O Professor 1 disse que:

"[...] o conhecimento teórico tem que estar embutido na prática. O conhecimento teórico eu trabalho durante a prática".

O Professor 2 citou que trabalha as regras dos desportos.

Os Professores 3 e 4 citaram que o mais importante para os alunos dessa faixa etária é a prática.

"[...] Antigamente na época da faculdade não tinha uma disciplina específica para a 1ª a 4ª série, então a gente fica um pouco perdido" (Professor 3).

"A parte teórica eu deixo para passar para eles no dia que chove" (Professor 4).

Últimas leituras feitas relacionadas à Educação Física

Os Professores 1 e 4 citaram os PCNs referentes à Educação Física, e o 4 acrescentou os artigos publicados na revista do CONFEF. Já o professor 2 citou o livro *Educação de Corpo Inteiro*, de João Batista Freire, e o professor 3, o livro *Ginástica Escolar*, da Editora Sprint.

Considerações Finais

Nosso trabalho pretendeu investigar a prática pedagógica dos professores de Educação Física da 1ª à 4ª séries. Desta forma, alguns comentários devem ser evidenciados, tanto no que diz respeito à análise do referencial teórico pesquisado quanto às entrevistas feitas pela pesquisadora.

Assim, notamos inicialmente que os discursos dos professores pesquisados refletem indícios de um trabalho desenvolvimentista: a maioria revelou uma preocupação em trabalhar as habilidades motoras básicas, o enriquecimento do vocabulário motor, bem como a aprendizagem do movimento proposto.

Os resultados mostram que há uma preocupação em trabalhar os conteúdos da área, enfocando principalmente a recreação e os jogos pré-desportivos e cooperativos; apenas um professor salientou o trabalho com conteúdos teóricos, relacionados aos fundamentos básicos de fisiologia. Quanto à participação, notamos que os alunos participam das atividades propostas e os trabalhos não enfocam a padronização dos movimentos, a exigência do gesto feito com perfeição. Tais respostas nos remetem a considerar que as concepções mecanicistas estão sendo transcendidas, pelos menos, nesse grupo de professores.

No item avaliação, apenas um dos professores salientou o desempenho dos alunos como forma de avaliação, afirmando que para o mais esperto, mais ativo, atribui um ponto; já o restante dos professores evidenciou a participação em aula; o professor 4 acrescentou um trabalho escrito, reforçando ser exigência do Estado, como um registro do andamento das aulas.

Ao longo das entrevistas, um dado nos preocupou: os professores pesquisados pareciam não estar atualizados em termos de literatura referente à área, principalmente com a produção literária disseminada nas últimas décadas, relacionadas às novas tendências da Educação Física Escolar. Isso limita a aplicação de novas propostas pedagógicas, o que nos leva a refletir que a produção acadêmica não está sendo socializada com aqueles que efetivamente atuam no espaço escolar e, quando isto acontece, é em proporções mínimas.

Esta questão se justifica provavelmente pela falta de interesse do próprio professor em atualizar-se e desenvolver novas formas na ação pedagógica. Essa atitude talvez esteja relacionada aos baixos salários, em especial na escola estadual, à falta de incentivo e apoio por parte de algumas direções, à provável formação profissional desqualificada, tudo isso contribuindo para que não aconteça o avanço e a disseminação de novas propostas pedagógicas no interior da escola.

Creemos que uma das alternativas para amenizar ou alterar essa situação é proporcionar uma formação acadêmica com qualidade, em especial para atuação no espaço escolar, incentivando os professores a se atualizarem, principalmente tomando contato com as novas produções, oriundas de publicações, eventos científicos, encontros, congressos entre outros.

Reforçando este aspecto, Darido (1999, p. 56) revela outros itens que podem produzir resultados positivos na qualidade das aulas de Educação Física no interior da escola.

Significa melhorar e muito os cursos de graduação em Educação Física e investir pesadamente na formação dos professores que já estão na rede estadual de ensino. Além da formação é preciso melhorar as condições de trabalho, o que implica em [sic] menos alunos por turmas, professores trabalhando em apenas uma escola, com tempo para estudar e preparar as aulas, estímulo a leituras de jornais e revistas, além da melhoria das condições salariais.

Frente a essas colocações, podemos considerar que as mudanças ocorridas na década de 80 influenciaram de maneira significativa o discurso dos profissionais pesquisados. Os professores demonstraram ter um discurso convergente com os pressupostos das tendências pedagógicas que surgiram após a década de 80. Desta forma, sabemos que o caminho de mudanças é ainda percorrido gradualmente, porém já está se tornando notório na fala de alguns professores, o que a nosso ver, é motivo para nutrir muitas esperanças.

Referências Bibliográficas

- ANGOTTI, M. *O trabalho docente na pré-escola*. São Paulo: Pioneira, 1994.
- DARIDO, S. C. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Araras: Topázio, 1999.
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1994.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1994.
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986
- OLIVEIRA, V. M. de. *Consenso e conflito da Educação Física Brasileira*. Campinas: Papyrus, 1994.
- PIAGET, J. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RESENDE, H. G. de. Necessidades da Educação Motora na escola, in: MARCO, A. de (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papyrus, 1995.
- SOARES, et al. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.